



TURIN: PONTE SOBRE O PÓ.

A PROVINCIA em que a populosa cidade de Turin está situada, e que tem o mesmo nome, faz parte do reino de Sardenha, em a antiga divisão do Piemonte. Todo o territorio é de muita fertilidade, e a superficie do solo variada de serranias, graciosos outeiros, e valles, e tambem dilatadas veigas n'algumas localidades: o districto ao noroeste que é o mais montanhoso tem algumas florestas extensas, minas de ferro e de vitriolo, e pedreiras de marmore e pedra calcarea: por toda a provincia há boas pastagens, e abundantes searas de trigo, cevada, milho e favas; as vinhas produzem bem, e as amoreiras sustentam muita quantidade de sirgos. — Turin é capital não só desta *intendenza* ou provincia, mas de todo o reino; nella reside o monarcha, e tem assento as repartições centraes do governo; é sé archiepiscopal: a regularidade da sua planta, a multiplicidade dos edificios publicos, e o bem trabalhado estylo de architectura que pela maior parte os distingue, dão a esta cidade preeminencia sobre muitas da Europa: a sua posição na confluencia dos rios Doria e Pó é admiravel, e as vantagens naturaes tem sido bem aproveitadas pela arte.

No frontispicio do presente n.º mostra-se a margem esquerda do Pó a curta distancia da ponte; o edificio lá no alto é o convento dos capuchos; o que se vê á esquerda é a nova igreja toda de marmore, e rotunda como o Pantheon (*). A *villa della regina*, o suburbio, e outras *villas* [quintas e casas de campo] espalhadas pela encosta, concorrem para fazer mais aprazivel esta vista de Turin. A ponte do Pó é uma bella obra de granito e marmore em que se combina a elegancia das fórmas com a solidez da

construcção. — O rio Pó é navegavel ainda muito acima de Turin; no seu curso de 300 milhas recebe as aguas de trinta rios, banha as muralhas de cincoenta cidades e villas, e communica fertilidade e riqueza ao extenso territorio denominado «Valle do Pó.»

— Sendo muitos os edificios notaveis desta córte, mencionaremos tão sómente os mais distinctos. — O paço real possui uma excellente e numerosa galeria de pinturas, principalmente das escholas flamengas; o museu de armaduras antigas, formado pelo rei Carlos Alberto, é tambem rico e de summa curiosidade. A universidade é um palacio magnifico; entre os seus professores tem contado as sciencias nomes assaz illustres; de ordinario é frequentada por dois mil estudantes; a sua copiosa livraria é formada principalmente da antiga collecção de livros e manuscritos, feita pelos duques de Saboia e começada no meado do seculo 15.º; contem para mais de 112:000 volumes; entre os manuscritos numeram-se 70 hebraicos, 570 gregos, 1200 latinos, e muitos nos idiomas italiano e francez; tambem alli se veem livros chins de medicina e poesia, e uma Flora piemonteza, que teve principio em 1732 e tem sido continuada, comprehendendo já 5:000 desenhos coloridos. — O museu de antiguidades encerra marmores, mosaicos e bronzes, de grandissimo preço; o gabinete de medalhas é dos mais ricos que na Europa se conhecem; ha nelle obra de trinta mil specimens. É bem conhecida a real Academia das Sciencias, distincta desde a sua fundação em 1759 pelos trabalhos de Lagrange e outros; publica Memorias universalmente estimadas, e numera socios de abalitado merecimento; ha outra academia militar e uma de Bellas-

(*) Vid. a estampa e descripção a pag. 257 do 1.º vol.

Artes. Com tão poderosos meios d'instrucção e natural aptidão para os estudos, não admira que os piemontezes façam progressos nos varios ramos do saber humano.—O museu egypcio é o primeiro no seu genero: ahí se notam a colossal estatua d'Osymandias, e as de Sesostris [Ramesses 6.^o], de Amemphis e de outros, baixos-relevos, utensilios e raridades explicativas dos costumes daquella nação que foi das primeiras no caminho da civilisação e na cultura das artes, donde os gregos aprenderam o que transmittiram depois aos povos europeus.

É fóra do nosso proposito particularisar as numerosas igrejas e capellas de Turin: alem da formosa cathedral gothica, contam-se 47 templos maiores e 67 menores com muitos mosteiros de religiosos e de freiras: não omitiremos porem S. Superga, sumptuoso templo dedicado á SS.^{ma} Virgem, assente n'uma altura visinha da cidade: erigiu-o Victor Amadeo 2.^o no proprio sitio onde o famoso general, o principe Eugenio, fez o reconhecimento do exercito francez que assaltava a capital em 1706, para memoria da bem succedida campanha que libertou os estados ducaes do inimigo invasor: gastaram-se nesta obra grossas quantias, mas sabiu magnifica e esplendida: o sepulchro do fundador é dos mais ricos que existem: produzem soberbo effeito á vista a infinidade de arcarias e de columnas, os eirados, as claustros, e o elevado zimbório, donde se descobrem as productivas campinas da provincia, a corrente do Pó, e ao longe os Alpes magestosos.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

12.^o

Logo que o calipha se assentou entre seu filho al Hakem, e o seu *Hagib Maksura*, na tribuna levantada entre quatro columnas da nave central, e todas as pessoas que compunham o seu cortejo tomaram lugar em coxins de veludo, abriram-se as portas. E no mesmo instante ondas de povo, que de fóra estava esperando, inundaram o vasto recinto do templo. Conforme o preceito, occupavam os primeiros logares os casados ou viuvos, acocorados sobre esteiras de junco; os mancebos ficavam em pé diante d'elles; e as matronas e as virgens retiradas, de um e outro lado do edificio, a uma especie de claustros para onde guiam portas particulares, estavam resguardadas por grades espessas dos olhos dos homens. Não se contavam nesta grande assemblea senão filhos de Ismael, eleitos, verdadeiros crentes, entendimentos e corações devotos ás palavras do propheta. O pé de um infiel não póde pizar o pavimento do templo. A presença de um calir e de um descrido desacataria o sagrao da casa de Allah. Podem viver em paz á sombra do sceptro do calipha, com as suas leis, o seu culto, as suas igrejas, os seus magistrados, os seus sacerdotes, — judeus e christãos. Alistar-se nas fileiras do exercito, funcionar nos cargos civis, cultivar as letras, beber as lições da sciencia nas escholas e bibliothecas do imperio, e enlaçar-se até nos vinculos doces do hymeneu com as filhas do conquistador, — não lhes é vedado. Mas o judeu — fosse elle medico do principe, membro das academias arabes, ou director de *madrisak* [collegio]; — o mozarabe — fosse elle capitão das guardas do ca-

lipha, ou recebedor dos impostos publicos — que se atrevesse a salvar o umbral do atrio dos fieis, com a cabeça pagaria o seu sacrilegio.

Apenas ao murmurio confuso das multidões, que entrando se arrimavam pelas naves, succedeu silencio religioso, — que era signal que o templo estava cheio, — subiu á cadeira o Khatyb, e, depois de demorada genuflexão, crusando os braços sobre o peito, pronunciou com voz forte a formula que precede as preces: «Em nome de Allah, clemente e misericordioso.» A estas palavras, as primeiras que o anjo Gabriel trouxe ao propheta, e de tão alta efficacia, que ao descerem do céu «as nuvens foram expulsas para o oriente, os ventos acalmaram, o mar agitou-se, os animaes fitaram as orelhas, e os demonios foram precipitados das espheras celestes» a estas palavras todos os fieis se prostraram. E o Khatyb começou a recitar em voz lenta e solemne a *Chotbah*, que á mesma hora, e no mesmo instante repetiam trezentos mil imamos em trezentas mil mesquitas diante dos fieis reunidos:

«Louvores ao Altissimo, que é só quem póde afastar de nós a desgraça, e por-nos a salvo de traições; que unico, póde ouvir os ardentes desejos de seus fervorosos adoradores nas duas habitações; que é o unico alvo do culto dos homens nos dois mundos. Todos os mortaes são fracos, só elle é forte; todos os mortaes são pobres, só elle é rico. Elle dispensa conservação e soccorro. Elle perdoa os peccados. Elle acolhe os arrependidos. Elle pune com severidade, mas é doce e paciente. — Deus não ha outro senão elle; pois qual é o creador alem do Altissimo? Elle dá ao vosso espirito o pasto espiritual, ao vosso corpo o temporal. Não ha outro Deus senão Deus. Em verdade, por aquelle que escuta e vê; por aquelle, que conhece o manifesto e o occulto, vos digo que não ha outro Deus senão Deus. Assim o proclamou Moyses, quando o Senhor lhe fallou sobre o Sinai. Assim Jonas no ventre da balêa, quando o Altissimo se lhe annunciou pela sua voz. Assim José no fundo do poço, quando Deus o consolou. Assim Abrahão na fornalha ardente, quando o Senhor lhe appareceu. Em verdade confessámos que não ha Deus senão Deus, que elle não tem companheiros, e o vivente é elle só. Confessámos que nosso senhor e mestre Muhammede é seu servo e seu propheta. Ó Deus, sê-lhe propicio, á sua familia, e aos seus companheiros, abençoa-o e concede-lhe a paz!

Sabei que o mundo é perecivel, e os seus prazeres transitorios. Passámos n'elle os dias na escravidão para ter pão, e a morte vem em breve termina-los. Ó meus irmãos, temos corpo fraco, pobre viatico, mar profundo a atravessar, fogo devorador que temer. A ponte Syrath é bem estreita, a balança bem fiel, e o dia da ressurreição não está distante! E o juiz d'esse grande dia será um Senhor glorioso. N'esse momento Adão, o puro em Deus, dirá: «Senhor, Senhor!» Noé, o propheta de Deus, Abrahão, o amigo de Deus, Ismael, o sacrificado a Deus, José, o veridico em Deus, Moyses, o alucotor de Deus, Jesus, o espirito de Deus pronunciarão a mesma palavra. Mas o nosso propheta, o nosso intercessor exclamará: «Ó meu povo, meu povo!» E o Altissimo [que a sua gloria resplandeça a todos os olhos, e os seus beneficios se estendam a todos os homens!] proferirá estas palavras: «Ó meus servos, meus servos!»

A diferentes orações terminadas com a prece pelo calipha reinante, se seguiu profundo e longo si-

lencio. Abd el Rahman levantou-se do seu throno, approximou-se a uma grande fonte que estava em uma das extremidades do templo, e posto de joelhos foi assim a rojo penetrando n'uma especie de nicho ou celasinha aberta no muro, e que olhava ao oriente, baixa, estreita, obscura, inteiramente nua, e com abobada que se compõe de um enorme embrechado. Chamam-lhe o *Mirhab*; indica a posição da santa *Kaabah* que é o templo de Abraahão em Mecca, para o qual todo mussulmano deve virar o rosto ao recitar as cinco preces do dia; e é o santuario, santo dos santos, lugar de recolhimento e de graça, onde os inspirados logram a mercê dos extases mysticos; e o pavimento, de marmore, está profundamente cavado dos joelhos dos crentes, que alli continuamente concorrem. O calipha pouco se demorou n'elle, seguindo-se-lhe o hagib, e as principaes auctoridades por ordem de jerarchias. Depois cada um voltou ao seu lugar; reinou outra vez silencio; e o Khatyb tornando a subir á sua cadeira, começou d'este modo:

«Em nome de Allah clemente e misericordioso! — Ó crentes, bemdizei o Senhor que derrama sobre vós os seus beneficios. Cada anno, ao despon-tar d'esta lua santa que viu descer do céu os primeiros mandamentos, que enviou o Todo-Poderoso aos seus escolhidos pela voz do seu anjo e do seu propheta, quando congregámos nas nossas mesquitas os filhos das vossas tribus a fim de lhes avivar na memoria o cumprimento dos cinco preceitos a que os antigos doutores chamaram columnas do islam, a fé, a oração, a esmola, o jejum, e a peregrinação — cada anno glorificámos Allah por novas mercês. Filho de Muhammede, filho do Fundador, filho d'Omeyah, tu a quem o Senhor que tem os reinos na sua mão, fez successor do propheta, guarda da lei, cabeça dos fieis, vê que esplendor cerca o teu throno! não é elle o primeiro dos thronos da terra, e para nomear algum mais sobrelevado e magnifico não seria mister remontar até o que repousa sobre o collo dos cherubins no septimo céu, e cobrem da sua sombra os setenta mil ramos da arvore immortal, ou até o *Arsch*, aquelle throno de luz que os olhos da creatura não podem fitar? Vê: o orvalho dos céus desce á terra para alimentar os innumeraveis seres, que Deus te poz debaixo da mão, e repetem o teu nome nas suas orações de cada dia. Em quanto o alfange dos nossos cavalleiros repelle o infiel que vinha todas as primaveras assolar-nos os campos com as suas crueis algaradas, a ordem e a abundancia conservam a paz no teu imperio. As guerras impias, que desolaram os dias de nossos pais, desapareceram do meio de nós. O norte, o meio dia, o levante, e o poente não constituem já senão uma só região; e as nossas tribus todas não fazem senão uma tribu unica. Glorifiquemos o Senhor que manda a paz, e a guerra, a gloria, e a infamia. — Ó filho de Omeyah, o céu acaba de fortalecer de nova columna ao teu throno, e novo astro se levanta para lhe emprestar luz. A voz de um *cafir*, o falso propheta Abdallah, se tinham agitado as bordas selvagens do Magreb; o filho d'este descrido tiveram pelo *Mahadi* anunciado nas suas tradições idolatras; usurparam o Cairwan aos filhos de Aglab, as praças fortes aos filhos de Edrys; a ti, successor do propheta, o ditado de — *imamo*, e *mira-molim* —. E toda a Africa se inclinava diante da nova dynastia, que se inculcava da linhagem e descendencia de Ali, e Fatima. Dschafar, Ocaili, e

Said ben Sahli marcharam contra ellas, e as dispersaram como a poeira que varre o furacão. E nem perseguiram o inimigo alem de um districto; nem lhe deram a morte fóra do campo de batalha, nem lhe bloquearam as praças mais de uma meia lua. E comtudo a victoria coroou a causa justa e santa; o leão de Affrikia abateu a sua juba diante do leão de Cordova; e a justiça e a misericordia acabaram o que a força tinha começado. Fézz está livre, os bereberes sujeitos, o Magreb pacificado, o thesou-ro do imperio recebe de novo os tributos de alem mar, e o teu nome, ó calipha, lá se repete nas *minbaras*. Abençoado seja o braço que castiga os rebeldes, abençoadas sejaes, valentes cimitarras de Dschafar, de Ocaili, e de Said ben Sahli! E tu, ó Annasir, filho illustre de Muhammede, e vigario do propheta, a quem com ardente reconhecimento saudam as mil tribus do islam com o nome de *magnanimo*, que voz humana póde dignamente celebrar a tua gloria? Seria mister pedir ao anjo dos canticos uma das setenta mil linguas que elle em cada uma das suas setenta mil bocas emprega cantando incessante os louvores do Altissimo. O teu braço castiga o infiel, a tua voz governa o imperio, o teu espirito dirige a sciencia: és a espada da fé, o escudo do estado, a luz dos iniciados. Os inimigos de Allah fogem diante dos teus olhos, os rebeldes tremem na tua presença, glorificam-te os nossos guerreiros, admiram-te os nossos sabios, e o povo abençoa-te. Acaba, abd el Rahman, acaba a obra santa e gloriosa que prosegue o teu zelo infatigavel. O livro diz: «Não deixarás tregoa aos infieis.» Cumpre o preceito do livro; que entre elles e entre ti não haja mais embaixador que o choque das armas, o rincho dos cavallos, e o estrondo dos timbales e clarins. Nas abobadas d'este templo, onde se adora Allah, o Deus unico, o Deus que não é nem pai nem filho, e que não tem companheiro, já o teu braço suspendeu os despojos do templo impio, povoado de idolos. É tempo de purgar a terra d'estas iniquidades. Empunha a tua espada, agita a tua bandeira; os filhos de Ismael se levantarão á tua voz, e os anjos, como no combate de Bedr, marcharão diante de ti. Vai e expulsa do seu ultimo azilo os perversos filhos de *Belay-al-Rhoumy* [Pelayo o estrangeiro]; e leva o alfange e a lei a toda a parte onde o sol leva os seus raios. Ó crentes, qual de vós se não dará pressa em accorrer, como os guerreiros de Abubeckar, ao brado d'este novo Yézyd? Fieis, a espada é a chave do céu e do inferno; a guerra contra os infieis sanctifica tanto como a peregrinação ao santo templo Haram, os sete passeios em volta da santa Kaabah da Mecca, e a oração entre as santas collinas Safah, e Mervah. Ó meus irmãos que o receio da morte, nem a saudade da vida gelem a vossa coragem. Quando Djafar morreu ao lado do propheta, choraram-no os seus amigos, e o propheta lhes disse: «Não choreis sobre Djafar, ó mussulmanos, que a sua sorte é digna de inveja. Deus deu-lhe duas azas, e elle vai correndo a immensidade dos céus.» Taes foram as palavras do propheta. E demais, o numero dos nossos dias está contado desde o berço, á hora justa havemos de comparecer no tribunal de Deus, e alli se não pesar os meritos. Uma gota de sangue derramado pela causa santa, val mais que dois mezes de jejum e oração. Aos que morrem no combate todas as suas culpas lhes são perdoadas; e no dia de juizo as suas feridas serão recedentes como almiscar, e resplandecentes como

a aurora. Não-de passar, — esses, — velozes como o raio, e sem cahir no abysmo, a ponte Syrath mais delgada que um cabelo, e angulosa como o gume de um alfange; e serão levados aos jardins onde correm rios, e habitam virgens purificadas, e transparentes, que não conhecem outra necessidade senão amar, e cujos olhos realçados por sobancelhas pretas são tão bellos, e brilhantes, que se uma d'ellas deixasse cahir uma vista sobre a terra, ainda que fosse em noite muito sombria, lançaria n'ella tamanha luz como o sol á sua hora duodecima. Ó crentes que confiais nas promessas do Altissimo, merecei a gloria na terra, e a gloria no céu. Ide, entrai em vossas casas; afiai as lanças, retezai os arcos, chamai os corseis; e — quando a trombeta de guerra annunciar aos infieis que a espada de Ismael está virada contra elles, — que nenhum mussulmano dos que tomam piamente logar aqui entre os fieis da mesquita, deixe vasio o que lhe compete entre os guerreiros do campo. Em nome de Allah, por ordem de Allah, vos chamamos ás armas. *Al-djihed, Al-djihed!* (A guerra santa, á guerra santa.)»

Ainda o Khatyb não tinha bem acabado de pronunciar estas palavras quando ao silencio religioso até ahí guardado succedeu um tumulto immenso. O calipha levantou-se no throno, o alferes agitou o estandarte do imperio, os cabos do exercito estenderam as suas cimitarras, os alaridos da multidão entusiasmada abalaram as abobadas do templo, e o grito d'*Al-djihed*, que repetiam os *muez-zins* [pregoeiros] do alto dos minaretes, voando como um signal de mesquita em mesquita, resouu em um momento até ás fronteiras do imperio.

*

A descripção da al djihed é trabalho que achei já feito, e de que em grande parte me aproveitei; accommodando-o, comtudo, ao caliphado, ás personagens, á epocha, e até ao anno de que trato, supprimindo em uns logares, n'outros accrescentando, e alterando—não me atrevo a dizer, *corrigindo*—em alguns.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.

CHRISTOVÃO ALÃO DE MORAES.

ESTE varão douto nasceu na freguezia de S. João da Madeira aos 13 de maio de 1632, e não em 2 de março de 1630, como erradamente diz Barbosa na sua Bibliotheca Lusitana; foi baptisado pelo seu cura, e sendo este depois, e nesse mesmo anno, culpado de heresia, perseguido pela inquisição, e annullados os sacramentos que administrou, obrigaram os pais do recém-nascido a rebaptisá-lo na freguezia de S. Nicolau da cidade do Porto, como no competente livro se vê.

Dedicou os seus primeiros annos [em que logo se manifestou sua grande intelligencia e viveza] ao estudo da lingua latina e franceza, das quaes teve por mestre a seu tio, o muito douto e veneravel Fr. Antonio da Purificação, chronista e visitador geral da ordem eremitica de St.º Agostinho, lente jubilado em theologia, e consumado nas sciencias historicas e philosophicas e na musica.

Em 1645 passou para a universidade de Coimbra, aonde estudou mathematica e philosophia, em

que foi, como em tudo, perfeitissimo: depois, precedendo os devidos exames nas escholas menores, que frequentou com grande distincção, formou-se nas faculdades de direito canonico, de que fez conclusões aos 28 de março de 1652, e do civil em 19 d'abril de 1661; estudos estes que interrompeu dois annos, por injustamente o involverem na morte do padre João do Couto, que foi morto junto á igreja dos clerigos, crime de que depois se justificou pela confissão que o proprio assassino fez, o que deu occasião a Christovão Alão nos seus apontamentos bemdizer a Providencia pelo haver livrado de tal infamia em sua vida, como vi escripto por seu proprio punho. Nas suas lições sustentou sempre a reputação e credito de não vulgar talento, bem-merecendo os mais distinctos louvores e applausos de todos os mestres daquellas sciencias.



Deliberado a seguir a nobre profissão da magistratura, leu no Desembargo do Paço, em Lisboa aos 20 de julho de 1661, e foi despachado em 16 de dezembro do mesmo anno pela rainha regente do reino, D. Luiza de Gusmão, juiz de fóra de Torres-Vedras, depois ouvidor e provedor da villa de Mira, e em seguida, por elrei D. Affonso 6.º, juiz dos orfãos da cidade do Porto, corregedor da comarca de Pinhel, Ribacôa e Figueira, e posteriormente da comarca de Coimbra; em 1677 procurador do fisco da rainha, conservador da universidade de Coimbra, e superintendente das decimas desta cidade: logo depois corregedor e provedor da comarca do Porto, conservador de seus moedeiros, e finalmente desembargador e corregedor do civil da Relação e Casa do Porto. Foram estes os cargos publicos exercidos pelo integerrimo e respeitavel magistrado, Christovão Alão, que deixou de si honrosa memoria e exemplos dignos de imitar-se: notavel por seu saber, experiencia e rectidão, como pelo perfeito desempenho dos eminentes logares e arduos encargos que occupou no nobre e difficil emprego de julgador, mostrou-se sempre tão amante da justiça, como inimigo do interesse, fazendo que, sem offensa das leis, prevalecesse a clemen-

cia á severidade. Alem das linguas latina e franceza, foi doutamente instruido na castelhana, grega, hebraica, e toscana, que lhe ensinou o distincto professor inglez e doutor em medicina, Thomaz Muny. Tambem foi profundamente versado na poesia, que estudou com o illustre poeta, o doutor Manuel Maya de Macedo.

Tão relevantes foram seus merecimentos, que alguns distinctos escriptores coevos, como Fr. Jeronymo Bahia e outros, o ennobreceram com elogios e poemas laudatorios: entre elles diz na sua Viola de Talia, f. 155, D. Francisco Manuel de Mello:

Que buscas pois desta arte
já com medo importuno?
se lá tens outro Alão que he outro alumno
das Artes, das Sciencias, d'onde morão
todas as nove Nymphas, que o namorão;
por onde certo creão
que de o morar, Moraes oje o nomeão;
grande no claro, grande no elegante,
por que todo o Christovão foi gigante.

Compóz e escreveu varios livros de grande merecimento, dos quaes infelizmente poucos se imprimiram, andando os outros espalhados; e talvez alguém aproveitando-se do seu trabalho, tenha conseguido louvores e applausos usurpados; mas se suas obras não lograram o beneficio da estampa, pela intempestiva morte de seu auctor, e pelas difficuldades da impressão naquelles tempos, fizeram-se pela maior parte publicas por a curiosidade de muitos doutos, que, trasladando-as, suppriram a falta de caracteres typographicos: a elles é que devemos sem duvida o conhecimento de tão preciosos manuscritos.

Escreveu um grande livro de sonetos, que intitulou = Grinalda d'Apollo. = Outro em oitava rima dividido em duas partes, Fabula de Polifemo e Galatea = O Ciclope namorado = Fonte perenne do Parnaso, delicia das nove Musas. = Commentou as obras do insigne poeta Francisco Sá de Miranda, e a Ulissea, ou Lisboa edificada, de Gabriel Pereira de Castro = escreveu mais dois livros em quarto = Exorcismos da Melancholia = Casa do Prazer, ou Brevia de Entendidos. = Mais outros dois em oitavo = Emblematum centuria, com estampas, que ficou incompleto = Antiquæ Inscriptiones, et epitaphia varia Ludrica, Genealogica, Heroica, Hispanica et Latina = Pratiçæ Jurisprudentiæ Nucleus = Lições academicas sobre a poetica de Aristoteles. = Compóz um livro grande das Familias da Casa de Austria, França, e Saboya, e de todos os principes da Europa, com suas arvores de costados = Compendio das armas das Cidades e villas de todo o reino de Portugal. = Mais escreveu oito grandes livros em folio, das familias mais illustres deste reino, que intitulou = Pedatura Lusitana Hispanica: e ainda que houve na real academia quem se abalancasse a satyrisar amargamente esta obra, idéas estas de que se levou Sousa na sua Historia Genealogica tom. 1.º pag. 122 § 134, escrevendo ahi algumas expressões menos justas, todavia é verdade que seu auctor empregou nella seu maior desvelo e trabalho para indagar com minucioso escrupulo as mais antigas e veridicas noticias, percorrendo os principaes cartorios do reino á sua custa, no que consumiu uma grande parte de seus avultados bens, deixando seus herdeiros pobres e empenhados; desta forma escreveu a verdade pura, sem o

máu animo e sinistro intento, de que o accusaram, porque finalmente andava menos válida nesse tempo a lisonja, impostura e adulação; e o auctor era dotado de character o mais recto e independente, e sobretudo prezador da verdade.

Cotou tambem as ordenações deste reino com tanta clareza e vastidão de direito, como o podem asseverar os muitos advogados e juizes que de suas cotas se tem aproveitado, confessando muitos que este insigne jurisconsulto resumiu nellas as mais numerosas bibliothecas de jurisprudencia. Estas ordenações ainda hoje existem em poder de um de seus successores, o probo e honrado Francisco Alão de Moraes Pimentel, seu bisneto, assim como alguns de seus muitos manuscritos na real bibliotheca publica do Porto. Inprimiram-se em Lisboa em 1672, um anagrama, e dois sonetos á morte do marquez de Tavora, D. Luiz, e em 1671 um anagrama, um soneto e uma decima applaudindo o poema intitulado = a Destruição de Espanha, unicos de que tenho noticia fossem publicados.

Foi Christovão Alão de Moraes filho primogenito do distincto capitão de mar e guerra, Balthazar Alão de Moraes, natural da cidade do Porto, que falleceu de 24 annos neste adiantado posto; como seu successor e herdeiro casou em Lisboa, no paço, em 23 de janeiro de 1662, com D. Joanna Thereza de Carvalho, filha de Antonio de Carvalho [creado da rainha D. Luiza de Gusmão] e de sua mulher, D. Catharina, aya da mesma rainha, e ama de leite dos reis D. Affonso 6.º, a quem amamentou 15 mezes, e D. Pedro 2.º, 7 mezes. Falleceu tão grande litterato a 19 de maio de 1693, contando de idade 61 annos; jaz sepultado na capella de St.ª Helena e Vera Cruz, instituida em 29 de outubro da era de 1381 na sé cathedral do Porto, por D. Fr. Domingos Geraldés Alão, conego da mesma, prior de Feronelam, e commendador de Rio-meão. Esta capella ainda hoje se chama dos Alões.

Apesar da protecção que Christovão Alão de Moraes tinha no paço por seus meritos pessoaes, assim como por seus sogros, nunca sollicitou graça alguma nem para si, nem para seus filhos, ao que tendo consideração D. Pedro 2.º, houve por bem premiar sua viuva D. Joanna Thereza de Carvalho, atenta a sua pobreza e empenho, e cinco filhos vivos, com a tença de 30,000 réis annuaes, para cujo fim lhe mandou passar padrão em 11 de julho de 1693, com vencimento desde 18 de junho do mesmo anno. Este padrão foi assentado na alfandega do Porto a f. 149, a 27 d'agosto do dito anno.

Estendeu-se a clemencia do mesmo rei a seu filho primogenito, Agostinho Aurelio de Moraes Alão, a quem agraciou com a tença annual de 38,000 réis, em 7 de novembro de 1693, em remuneração dos serviços prestados por seu pai, passando-se-lhe o competente padrão em 2 de janeiro de 1694. Teve mais a mercê do habito de Christo, com a tença de 12,000 réis effectivos por padrão passado a 21 do mesmo mez e anno.

Henrique Duarte e Souza Reys.

A CAIXA ECONOMICA DE LISBOA (*).

MUITOS são os factos que em Portugal attestam a falta dos conhecimentos economicos de que depende a felicidade publica; mas bastará mencionar um

(*) Estabelecida na rua da Oliveira ao Carmo.

dos mais conhecidos para avaliar a importancia da instituição das caixas economicas, e para mostrar a grande vantagem que resultará para a nossa patria do valioso serviço que lhe acaba de prestar a muito util Sociedade do *Monte-Pio geral* criando uma *caixa economica*.

O facto de que fallámos é a situação das classes laboriosas, para as quaes em a nossa patria o futuro certo e esperado é a indigencia; é verdade que este mesmo futuro se lhe appresenta ainda muitas vezes nas outras nações civilisadas apesar da diversidade dos meios que o estudo e a experiencia teem posto em pratica para remediar tão grande mal: mas tambem se não pôde duvidar que o emprêgo desses meios tem concorrido bastante não só para evitar o progresso da miseria publica, ou da pauperie, como tambem para sarar em parte essa ferida até hoje incuravel, que arruina e desorganisa o corpo social; por consequencia pode-se asseverar com bons fundamentos que a criação das caixas economicas em todo o reino, alem de outros muitos resultados, melhoraria a situação falsa das classes laboriosas.

Em Portugal os salarios chegam não só para que o operario viva parcamente mas para que possa economisar — e é esta certamente uma das maiores vantagens que a nossa situação economica tem em relação ás nações em que se debatem como questões fundamentaes de que depende a sua existencia politica — a organização do trabalho — e os modos de melhorar o estado precario dos salarios. — Estas questões em a nossa patria são quasi desconhecidas; o seu estudo pôde servir de muito á parte especulativa da Economia politica: mas poucas vantagens pôde offerecer quanto á parte pratica desta sciencia que tanto nos convem conhecer.

O que dissemos ácerca dos nossos salarios é um facto tão evidente e sabido que não precisa longa exposição, apesar de que o consumo improductivo em que os operarios empregam o remanescente que lhe fica do seu salario depois de haverem satisfeito as mais imperiosas necessidades da vida, faz com que o preço elevado porque vendem o seu trabalho lhe não dê nenhum bom resultado para o seu futuro e para o da sua familia.

A embriaguez, a prostituição, o jogo e as lotarias, eis-aqui os abysmos que absorvem grande parte da nossa riqueza publica, e que dissipam muitos dos valores que augmentariam o capital nacional; e juntamente com a riqueza perde-se a moral, esquece a religião, e põe-se em perigo o futuro de uma nação inteira: a educação é o meio de que a lei se pôde servir para obstar ao progresso destas desgraças e para completamente as destruir: mas esta educação não pôde ser designada pela qualificação de primaria, secundaria, ou superior, tem uma qualificação que lhe dá muito mais importancia, que torna muito mais difficil a sua organização — chama-se a educação do povo. Esta educação só um governo representativo pôde emprender — o poder legislador é quem deve escrever os compendios em que se resumam os principios que fundamentam essa educação — os outros poderes do estado devem ser exemplos permanentes que possam e devam ser seguidos. — A caixa economica, instituida recentemente em Lisboa pela Sociedade do *Monte-Pio geral* é uma lição de moral appresentada ao povo por homens intimamente convencidos da necessidade de promover a felicidade publica pelos unicos meios porque se pode

promover, e que merecem os elogios e agradecimentos dos homens da actualidade assim como hão-de merecer as benções dos vindouros.

Para que se realise o pensamento de que nasceu esta util instituição é mister que os Jornaes, que devem ser os mestres constantes do povo, lhe façam conhecer o proveito que pôde tirar de se utilizar da lição que tão generosamente se lhe offerece, e esta a razão porque este Jornal que mais de uma vez tem tratado de generalisar os conhecimentos economicos e de ensinar a comprehender as unicas vantagens de algumas das suas immensas applicações, julga do seu dever dar aos seus leitores a boa nova da criação e já bastante progresso da caixa economica — acompanhando esta noticia de algumas das muitas reflexões que pôde sugerir tão importante facto; sem que seja esta a ultima vez que tencionámos fallar neste interessantissimo assumpto.

A caixa economica alem das grandes vantagens de que já fallámos, faz entrar na circulação muitos capitales, que sem este meio de serem empregados productivamente seriam consumidos improductivamente — e as pequenas quantias espalhadas pelas pessoas menos abastadas, e que para cada individuo poucos valores representam podem, sendo reunidas por meio das caixas economicas, formar uma avultada somma de valores, que podem ser empregados productivamente dando origem a novos valores, e por este modo adquirirem para os seus possuidores um interesse que lhe não poderiam alcançar senão estivessem juntos. Alem do interesse que o depositante tira das diminutas quantias que resultam da sua economia, em consequencia de as depositar na caixa economica, adquire o habito de continuar a economisar, e sem o pensar acha-se possuidor de um capital que nunca possuiria se não fosse essa benefica instituição, pois que uma das incontestaveis conveniencias das *caixas economicas* é desenvolver no homem a inclinação que elle possui para ser capitalista: e para confirmarmos a verdade destas nossas asserções, mencionaremos neste logar alguns factos que attestam o incremento que em França vão tendo as caixas economicas, os quaes se poderão examinar com todo o devido desenvolvimento, no bem escripto e pensado relatorio que M. Benjamin Delessert appresentou á assembléa dos administradores e directores da caixa economica de Paris, o qual se referia ás operações da dita caixa no anno de 1842, e vinha acompanhado de luminosas considerações ácerca desta instituição. Pelo dito relatorio vê-se que alem da caixa economica de Paris a França já tem a fortuna de possuir trezentas caixas economicas espalhadas pelos seus departamentos — os bem organizados quadros estatisticos que acompanham este relatorio mostram que no anno de 1843 se depositaram na caixa economica de Paris mais 400 milhões de francos do que em 1842 — as quantias depositadas excederam no anno de 1843 ás já depositadas a quantia de doze milhões de francos, no fim desse anno a caixa economica de Paris era responsavel por quasi 100 milhões de francos, quantia esta que estava dividida por 149:000 pessoas, e as tres quartas partes deste numero pertenciam ás classes laboriosas — as quaes sem os meios que a caixa economica lhe offerece para depositarem as suas economias, não teriam meios de subsistir assim que a velhice e a doença lhe impedissem o poder trabalhar. — As sommas depositadas nas caixas economicas dos departamentos juntas á

somma que já mencionámos das que tem sido depositadas na caixa economica de Paris importam em 300 milhões de francos! aos quaes poderemos chamar patrimonio abençoado que livrará umas poucas de mil pessoas dos desgostos e padecimentos da indigencia e dos desesperos da miseria: terminaremos este incompleto extracto de alguns factos mencionados no relatorio de Mr. Delessert, mencionando uma observação curiosa que ahi se encontra ácerca de certas classes da sociedade que muitos consideram como inimigas das caixas economicas, por terem um interesse immediato [ainda que momentaneo] com a propagação dos vicios; e vem a ser que 530 depositantes novos do anno de 1842 pertenciam a essas classes. O que deixámos escripto ácerca das caixas economicas de França prova muito a favor desta instituição, pois que passados apenas 24 annos depois de nesse paiz se crear o primeiro destes estabelecimentos apparece um tão consideravel augmento nos seus beneficos resultados. Para fazermos o mais conhecido possivel a existencia e organização da caixa economica, recentemente instituida em Lisboa, terminaremos este artigo dando um resumo dos artigos principaes dos seus estatutos.

Na caixa economica se podem depositar com toda a segurança quaesquer quantias que não sejam menores de 100 réis, e que sejam multiplas de 100, não devendo ser em cobre nem bronze, as quaes vencem annualmente o juro de 3 $\frac{0}{100}$, podendo os juros serem capitalizados; estas quantias podem-se retirar quando fôr da vontade do depositante. O deposito pôde ser de conta propria ou de terceiro, em nome de menores que o receberão sómente quando chegarem á maioridade, e em nome de maiores pagavel em epocha determinada: o fundo do *monte pio geral* é responsavel pelos depositos da caixa economica e seus juros.

A caixa economica, para evitar as infelicidades de muitas pessoas que uma necessidade momentanea e indispensavel entrega muitas vezes ao poder da usura, a qual pelo excessivo juro que exige das suas victimas, complica e agrava ainda mais a sua desgraçada situação, emprega especialmente o seu fundo em emprestimos sobre penhores com o interesse rasoavel de 5 $\frac{0}{100}$. — Os menores podem fazer depositos; mas não os podem retirar sem consentimento de quem legitimamente os represente: as mulheres casadas tambem podem depositar differentes quantias na caixa economica, mas só as podem retirar com o consentimento dos maridos, se estes tiverem feito sciente a sociedade do seu matrimonio.

O que deixámos escripto ácerca da caixa economica nos parece bastante para dar a conhecer a sua importancia, e para se comprehenderem os resultados futuros de que será origem esta instituição e a de muitas outras semelhantes; pois que assim que por todo o reino, como esperámos, se espalharem estes indispensaveis estabelecimentos, os resultados da economia poderão seguir o homem por todo elle com a sua sombra, porque chegando a qualquer local em que lhe seja necessaria parte ou toda essa economia, immediatamente a pôde receber da caixa economica que estiver mais perto, visto que uma das melhores condições da organização das caixas economicas é a constante relação de interesses que as deve unir.

Não acompanhámos este artigo de aparatos scientificos, nem grandes desenvolvimentos, pois a similitude das caixas economicas só pôde ser util aos

que pouco possuem, e estes desejam que se falle com singeleza e sem considerações que lhe possam esconder a verdade, pertendendo-a esclarecer: se não fossem estes poderosos motivos, acompanhariamos este artigo d'algumas considerações sobre as instituições de credito, sobre a formação dos capitaes, e exportariamos o que pensámos ácerca da Economia Politica especulativa e da Economia Politica pratica, provando que só do perfeito conhecimento destas duas partes de tão importante sciencia pôde resultar a felicidade e o remedio de muitos males que se oppõem á felicidade publica; mas sacrificámos estes nossos desejos ao interesse que temos que a caixa economica seja conhecida por aquelles a quem tão proveitosa pôde ser.

S. J. Ribeiro de Sá.

AS LETRAS NA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO
EM PORTUGAL.

(Fragmento de um livro inédito.) (*)

CELEBRANDO a Academia dos applicados o certame poetico-eucharistico na casa nova do claustro do convento da Graça dos eremitas de Santo Agostinho, com um convite para os curiosos escreverem a este proposito em o anno de vinte e quatro, concorreram dos nossos religiosos o padre Fr. Joaquim José (:) com delicados epigrammas latinos sobre o preceito de discorrer nas palavras da consagração. Os padres Fr. José da Conceição e Fr. Francisco Pombo a este mesmo assumpto composeram em diversos metros na lingua portugueza. Vindo elrei com todas as pessoas reaes á nossa igreja fazer oração por motivo da beatificação de Santa Jacinta de Mariscotti, religiosa Terceira, e fazendo-nos a honra e mercê de aceitar no convento o refresco nelle offerecido, fizeram os curiosos algumas composições em verso latino, em que tambem concorreu Jeronymo Godinho de Niza, official-maior da secretaria d'Estado, pela communicação com os religiosos letrados do convento, aonde o chamava frequentemente seu estimavel tio Fr. Francisco da Cruz, capellão-mór das armadas reaes. Delle é muita parte dos disticos latinos dos azulejos do claustro. Desta occasião nasceu compor o padre Escotinho a *Vida de Santa Jacinta*, cujo esboço hade achar-se pregado com massa na capa de um tomo das actas dos Santos do convento de Santarem, no qual livro a descobri em o anno de sessenta e quatro. Seria arbitrio do escarmentado padre para escapar da grande perda das curiosidades litterarias escriptas por elle, tão desconhecedor do ocio, que na sua maior e afflicta idade só em lèr e compor achava recreio e consolação. O mais notavel de Memorias suas historicas são os *Fastos da Provincia*, e a *Vida latina* do veneravel padre Capinha. O ex-provincial e sabio theologo Fr. Manuel de S. João Baptista Trovões escreveu o *Memorial da Provincia*, quando pela Academia Real da Historia se pediram ás Ordens religiosas os compendios de suas memorias. Elle o fez muito abbreviado, e quando se não tinham descoberto e apurado muitas noticias, que depois foram conhecidas. Para que as diligencias em descubri-las fossem afortunadas, e tambem pagassem com credito o desempenho, buscou-se um

(*) Continuação de pag. 135.

(:) Fr. Joaquim José Pimenta, por outro nome Fr. Joaquim de S. José, de cuja *Vida* é tirado este fragmento.

religioso erudito e genial, este foi o illustre Fr. Francisco da Conceição Garcez de Camarate: entregou-se-lhe o cuidado da Chronica, na qual trabalhou até por ella morrer, achando-se em idade crescida e inverno rigoroso na Beira sollicitando memorias. Deixou muitas noticias averiguadas, e merece pela sua consciencia escrupulosa que se acreditem. Era muito universal e bem entendido na historia do reino, sobre ser theologo de muita e notoria erudição. Fomentou correspondencia com o chronista de nossa Provincia betica Fr. Alonso de S. Pedro, porque sem estas participações não se podem adiantar os conhecimentos. Quizesse Deus favorecer a gente letrada com animo e possibilidade de cosmopolitas, para se entenderem com os seus e estranhos. A similhaça, a virtude, a dependencia levam o homem para o homem: drogas de vestir e comer prendem os homens em commercio: uteis letras, nascidas para tanto bem, não lhes darão saudavel e importante movimento?

Porque de algum modo o padre Camarate amava este dictame, entendia de livros, e a elle se deve a compra de obras excellentes, no que interessou a diversos provinciaes para a despeza. Por sua instancia comprou a livraria do inquisidor Jorge Cabedo o provincial Fr. Antonio da Gloria, nome para o meu respeito de doce memoria; o que digo porque me acceitou para noviço; e porque era um homem de bem em todos os sentidos. Como o estado de coristas os encaminhe a serviços materiaes das communidades, tive a sorte de trabalhar na distribuição daquelles livros em o anno de trinta e nove no convento de Lisboa; e logo se me encarregou a limpeza da livraria, cujos suores eu sempre chamei bemaventurados, pelo emprêgo victorioso que se deu á minha imaginativa em tão deliciosa distracção de outros cuidados; e porque dahi tomei lição e forças para ser um fiel servo na casa da sabedoria. Quando me retirei de Lisboa para os estudos de Coimbra, e depois para outros exercicios, ficou a bibliotheca sem o catalogo acabado, porque não alcançou a mais do que dos livros havidos antes do anno de trinta e dois. Foi então escripto pelo mestre Fr. Januario de S. Bento, moço muito habil para este genero de empregos, debaixo da direcção do padre Escotinho, o qual em Santarem formou outro catalogo dos livros daquella casa, escripto inteiramente da sua letra.

Eis-aqui a eschola onde o padre Fr. Luiz Montez Matoso manifestou a sua inclinação natural para arrumar e tratar de bibliothecas, a qual exercitou em toda a sua vida, parte da qual até morrer viveu em habito clerical de benevolo receptor. Delle podem aprender os prelados a serem espreitadores das indoles dos subditos, e segundo ellas dar-lhes o emprego; porque este contentamento genial lhes tira do pensamento buscar a liberdade, negada no claustro, fóra d'elle; ainda que Fr. Luiz tinha obrigações domesticas, que de algum modo cohonestaram o habito clerical. Nunca ocioso, escreveu innumeraveis catalogos de livros, examinou muitos cartorios, deu á luz alguns opusculos, escreveu em quatro tomos as *Memorias Sepulchraes do Reino*, obra de muita fadiga e curiosidade. Fomentou esta com a amisade e frequencia de Salvador Soares Cotrin, antiquario de muita lição; nem é para dizer facilmente quanta fosse a fadiga incançavel deste religioso em solicitar, copiar, diggerir, e communicar suas memorias e curiosidades. Falleceu no provincialado do padre-mestre Fr. Joaquim, sem a

fortuna de se lhe acharem todas as suas collecções, por alguns motivos difficultosos de apurar; mas ainda vieram para o convento de Santarem, onde está sepultado, mais livros impressos que manuscritos (*).

Podem compensar esta falta os restos de outros religiosos, que por esse tempo escreveram quanto baste para provar que olhando-se de fóra para o silencio do claustro se deva presumir ser litterario. — Fr. Balthasar de St.^o Antonio deixou traduzidos em portuguez os *Dialogos* de Pedro de Medina. — Fr. Manuel dos Serafins em Caria *Memorias* de geographia, na qual eu conbeci ser perito, visitando-o naquelle convento em o anno de quarenta e tres. — Fr. Manuel de Portalegre um *Formulario Poetico* de conduzir as demandas na legacia, instrucções tão prolixas como aquellas cousas. — Fr. Antonio dos Serafins no convento de Viana escreveu a *Practica de Secretaria*, muito instruida pelas lições que tomára, escrevendo na secretaria geral da ordem na côrte de Madrid. — Entretanto que reservo dizer dos estudos theologicos para logar mais conveniente, vou concluir com as applicações de outra natureza, as quaes, se não fartam sêde mais difficultosa, apagam a que é menos activa. — Tiveram outros religiosos a condescendencia de que se lhe imprimissem alguns *Sermões*, como são os dos mestres Fr. Francisco de Sales e Fr. José Manuel. — Os do mestre d'Aviz não tiveram essa fortuna, por sua doutrina christãã no estylo moderno, escripta em vinte e dois tomos, conserva-se da sua letra. — Acerca do rito ecclesiastico e liturgico, em que sempre foi recommendavel esta provincia, e por tanto a louvaram em seus escriptos o grande prelado D. Rodrigo da Cunha, e o padre D. Nicoláu de St.^a Maria; assim como no seculo passado teve religiosos applicados a esta erudição, deixando manuscritos attendiveis, tambem agora se esmeraram em conhecê-la e ensina-la. — Fr. Jorge do Desterro escreveu uma *Explicação das rubricas do Breviario*, muito methodica e clara; o que digo havendo comprehendido por ella as combinadas regras deste objecto, quando me ensaiava para receber o habito religioso. E ainda em o noviciado se fazia esta applicação pela pericia que das rubricas tinha o mestre de noviços, Fr. Zefyrino de S. José, pessoa muito genial para este exercicio, em que nos apurava quotidianamente, deixando estas lições de provada educação, e que bom seria nunca se perder. — Em Fr. Verissimo dos Martyres, digno mestre de ceremonias, só faltava melhor digestão no que estampou; mas fez admiraveis estudos, que o formaram prompto sempre a discorrer sabiamente da sua profissão. A contenda entre elle e o vigario do côro, Fr. Manuel da Conceição, e o mestre da capella, Fr. Bento de Loulé, produziu diversos escriptos, nos quaes, salvas as estocadas da emulação, disseram todos muitas especies, que o vulgo religioso não sabia, e mostraram trabalho de estudo sobre suas profissões.

(Continúa.)

É grande injustiça condemnar a loquacidade das mulheres, quando se considera que sem ella as crianças e meninos nunca aprenderiam a fallar.

(*) O A. alcançou depois varios manuscritos do padre Matoso, assim historicos como bibliographicos, os quaes deixou, e se conservam na Bibliot. Publ. Eborense, fundação sua.